

ECONOMIA CATARINENSE: CRESCIMENTO COM DESIGUALDADES E CONCENTRAÇÃO REGIONAL E SETORIAL

Lauro Mattei¹

Fabiano Rodolfo²

Felipe Wolk Teixeira³

INTRODUÇÃO

Este ensaio representa a continuidade de um processo de sistematização e análise de informações sobre a economia catarinense que temos desenvolvido nos períodos recentes. Como é do conhecimento de todos, essa não é uma empreitada fácil pelo fato de Santa Catarina apresentar deficiências em termos de estruturas que operem sistematicamente com a produção e disponibilização de dados e informações relevantes e atualizadas.

O fio condutor deste trabalho foi analisar o modo como as mudanças que ocorreram recentemente no país se manifestaram e ainda se manifestam sobre a estrutura produtiva e econômica do estado. Para tanto, analisa-se o comportamento dos agregados macroeconômicos para captar os principais impactos das mudanças estruturais em curso, particularmente sobre os setores de atividades econômicas e sobre as mesorregiões geográficas.

Inicialmente, deve-se registrar que o estado de Santa Catarina não ficou à margem do processo de reestruturação adotado pelo país nos últimos anos. Sendo uma economia ainda com forte presença industrial, as novas condições regulatórias introduzidas no país – sobretudo a liberalização do comércio externo, iniciada com a derrubada de alíquotas de importação e amplificada com a política de câmbio do Plano Real – repercutiram em várias de suas atividades produtivas, merecendo destaque os ajustes nos setores têxtil e vestuário, metal-mecânico e agroindustrial, em que foram combinadas medidas de cunho reestruturante (em termos tecnológicos e organizacionais) com iniciativas de redução de custos (implicando diminuição de mão-de-obra).

¹ Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Economia e do Doutorado em Administração, ambos da UFSC. Email: l.mattei@ufsc.br

² Mestre em Economia pela UFSC. Tecnologista do IBGE.

³ Mestre em Economia pela UFSC. Analista do IBGE.

Há certo consenso entre analistas de que as mudanças recentes representam um ingrediente novo no debate sobre o desenvolvimento econômico no âmbito do país e das próprias unidades da federação. Registre-se, entretanto, que essas transformações não chegam a caracterizar um cenário de mudança no quadro de desigualdades regionais que historicamente conforma a geografia nacional. Ao contrário, em muitos casos se observa um agravamento dessa situação.

O objetivo deste estudo é analisar sucintamente o comportamento dos indicadores macroeconômicos e suas implicações regionais. Para tanto, o ensaio está organizado em três seções, além desta breve introdução. Na primeira delas faz-se uma breve discussão sobre a dinâmica econômica estadual, mensurada através do comportamento do Produto Interno Bruto (PIB). A segunda seção apresenta um conjunto de indicadores econômicos, com destaque para o comportamento agregado da economia catarinense, além dos movimentos do comércio externo. Finalmente, a terceira seção apresenta algumas considerações sobre a dinâmica e as perspectivas econômicas de Santa Catarina.

1 – OS DADOS AGREGADOS DE SANTA CATARINA

O montante produtivo do estado agregadamente vem apresentando uma trajetória ascendente ao longo das últimas décadas, fazendo com que os valores absolutos do PIB de Santa Catarina em 2009 atingissem quase 130 bilhões de reais (Tabela 1), posicionando o estado como o oitavo maior na geração de riquezas dentre as unidades da federação. Esse forte crescimento está associado à dinâmica global da economia catarinense, que durante as duas últimas décadas manteve taxas médias de crescimento superiores às taxas do país.

Embora Santa Catarina já fosse, em 1999, a oitava economia do país, em termos nominais, o PIB catarinense cresceu sempre a taxas superiores ao PIB brasileiro ao longo de todo o período⁴. Assim, enquanto que no estado de Santa Catarina as taxas médias de crescimento, em termos nominais, chegaram a 14,91% a.a., no âmbito do país elas foram de 13,16% a.a. Como resultado desse crescimento consistente, a participação do estado no PIB brasileiro elevou-se cerca de 0,5% entre 1999 e 2009. Com isso, a participação de SC em 2009 foi de aproximadamente de 4%.

⁴ Em 2008, o estado chegou a ocupar a sexta colocação, ao superar Distrito Federal e Bahia.

Em grande medida, pode-se dizer que esse desempenho bastante favorável do PIB catarinense pode ser creditado ao papel decisivo da indústria na produção global do estado, uma vez que o setor secundário continua mantendo sua importância, mesmo com pequenas oscilações. Já o contrário vem ocorrendo no setor primário, que vem perdendo espaço nas atividades econômicas catarinenses.

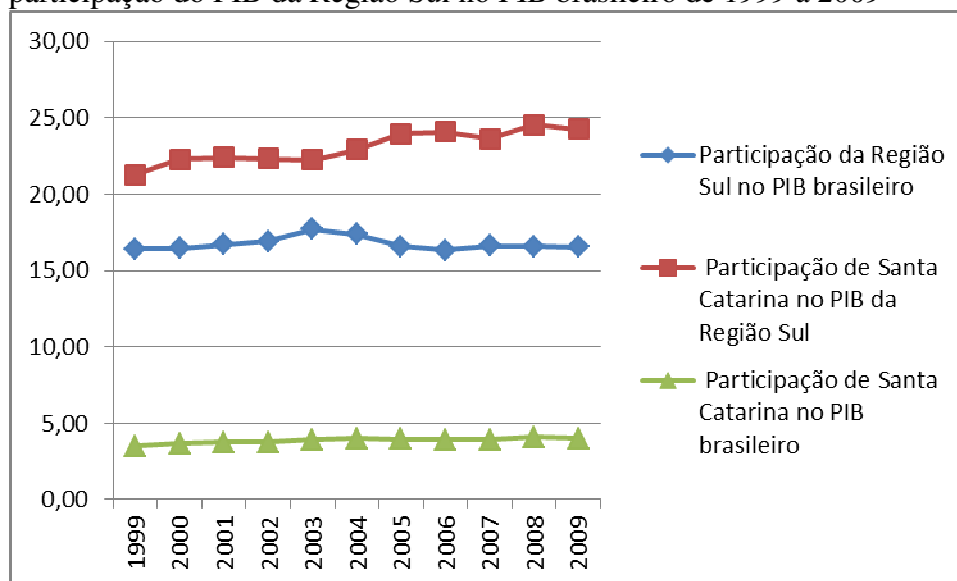
Tabela 1: PIB Brasileiro e de Santa Catarina, de 1999 a 2008.

Brasil e Unidade da Federação	Ano											Δ% (99-09)
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	
Brasil	1.064.999.712	1.179.482.000	1.302.135.029	1.477.821.769	1.699.947.694	1.941.498.358	2.147.239.292	2.369.483.546	2.661.344.525	3.032.203.490	3.239.404.053	13,1600
Santa Catarina	37.151.230	43.311.914	48.748.248	55.731.863	66.848.534	77.392.991	85.316.275	93.146.754	104.622.947	123.282.295	129.806.256	14,9100

Fonte: IBGE. Elaboração dos autores

Essa posição observada no cenário nacional destaca-se ainda mais quando se considera a evolução do PIB catarinense comparativamente à Região Sul, conforme Figura 1. Essa participação, que esteve na faixa de 20% ao longo dos primeiros anos da década, foi crescendo e atingiu, em 2009, aproximadamente 25%.

Figura 1: Participação de Santa Catarina no PIB do Brasil e da Região Sul e participação do PIB da Região Sul no PIB brasileiro de 1999 a 2009



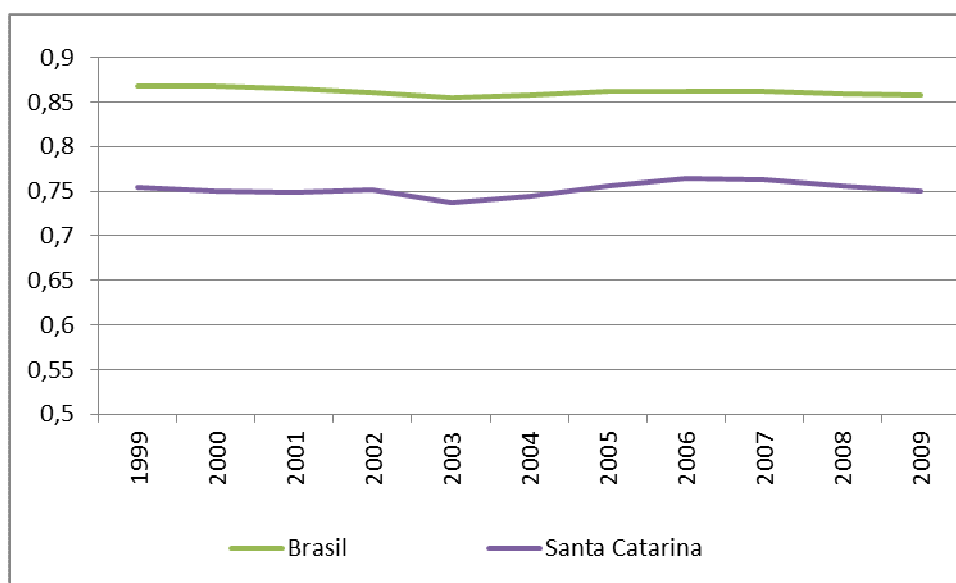
Fonte: IBGE. Elaboração dos autores

Todavia, se o estado conseguiu se manter em posição destacada nos cenários nacional e regional no que tange à produção de riquezas, o mesmo não pode ser dito em relação à forma desigual com que essas riquezas estão sendo distribuídas em seu território. De fato, o PIB catarinense continua ainda fortemente concentrado em alguns municípios e regiões. O índice de Gini, que mede a desigualdade em uma escala de zero

(perfeita igualdade) a um (perfeita desigualdade)⁵, apresentado na figura 2, demonstra este processo de concentração em curso.

Embora permaneça sempre abaixo do índice calculado com os dados nacionais, o índice catarinense, na faixa de 0,75, manteve-se constante no período, contrariamente ao movimento observado no âmbito nacional que teve uma pequena queda de 0,87 (1999) para 0,86 (2009). Registre-se que nos dois casos (Brasil e SC) esses percentuais representam uma concentração de toda a riqueza gerada.

Figura 2: Evolução do Índice de Gini do Brasil e de Santa Catarina de 1999 a 2009



Fonte: IBGE. Elaboração dos autores

2 – O PIB CATARINENSE SEGUNDO OS SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA

A composição setorial do PIB catarinense revela algumas mudanças em curso ao longo das duas últimas décadas, conforme figura 3. Como dissemos anteriormente, durante a década de 1990 ocorreram grandes mudanças na estrutura produtiva catarinense, particularmente no setor industrial. Com isso, se observa um movimento mais forte de diminuição da participação da indústria no agregado estadual. Da mesma forma, este movimento também vai ocorrer no setor primário da economia, cuja participação no PIB já era baixa no final da referida década. Cabe ressaltar que o setor

⁵ Uma descrição mais completa do Índice de Gini, inclusive com metodologia de cálculo, é encontrada em Hoffman (1980), especialmente no capítulo 16.

agropecuário, mesmo contando com forte presença das cadeias produtivas de suínos e aves, principalmente, não conseguiu manter sua participação de forma expressiva.

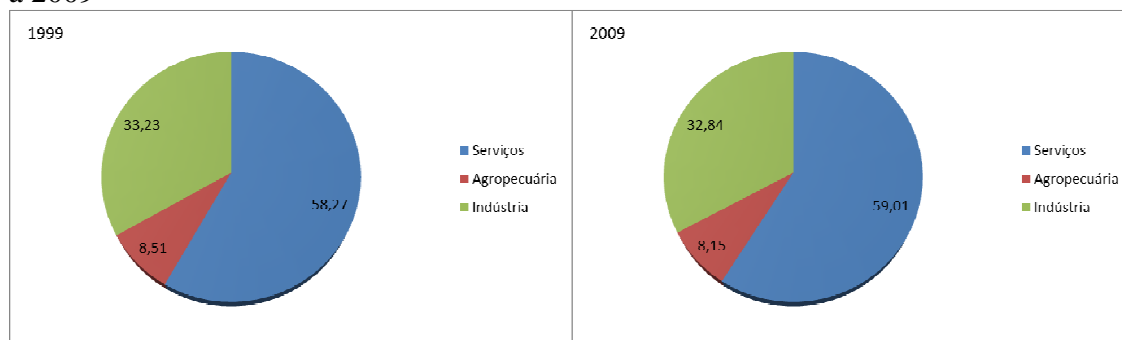
Já o setor terciário (serviços) apresentou comportamento distinto ao longo da década de 1990, confirmando uma tendência do conjunto da economia do país, uma vez que nessa escala o setor terciário passou a liderar a geração de produção.

Este cenário se altera muito no final da década seguinte, uma vez que o ano de 2009 mostra uma participação ainda mais expressiva do setor terciário da economia catarinense. Com isso, pode-se dizer que este setor passou a ser o mais importante na produção de riquezas no estado de Santa Catarina, uma vez que no ano de referência sua participação atingiu cerca de 59,0% do PIB.

Obviamente que essa mudança também se reflete numa menor participação do setor industrial, a qual caiu para 32,8%. Mesmo assim, quando comparada com o país a participação da indústria no PIB catarinense é bem maior, situando-se cerca de 7% acima do percentual observado nacionalmente.

O setor primário (agropecuário) continua sua trajetória de redução de participação no PIB total, chegando ao patamar de 8% no ano de 2009. Porém, do mesmo modo que ocorre no setor industrial, o setor agropecuário estadual tem peso maior no estado comparativamente ao correspondente nacional.

Figura 3: Participação dos setores de atividade Econômica no PIB catarinense de 1999 a 2009



Fonte: IBGE. Elaboração dos autores

Quando se analisa o índice de concentração do PIB catarinense por setores de atividade, percebe-se que a atividade agropecuária aparece como a menos concentrada, com índice de 0,42 no ano de 2009. Já a indústria (0,79) e os serviços (0,78) aparecem como maior índice de concentração. Esses resultados revelam o mesmo comportamento que se observa nacionalmente, onde os setores de serviços e industrial são também mais concentrados que a agropecuária.

Tanto em relação ao setor de serviços como em relação ao setor industrial, tal concentração já era esperada, uma vez que, dentre os setores de atividades, os serviços e a

indústria são mais concentrados espacialmente, sendo normalmente polarizados por algumas regiões.

Mas os dados mostram que, enquanto o setor industrial passa por um possível processo de desconcentração, atestado pela redução no valor do índice de Gini para os dados do valor adicionado pela indústria catarinense, os setores agropecuário e de serviços apresentam um movimento de concentração. No caso específico do setor industrial, nota-se que o Índice de Gini de concentração por setor de atividade econômica passou de 0,83 (1999) para 0,79 (2009).

Quadro 1: Índice de Gini por setores – Brasil e Santa Catarina de 1999 a 2009.

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	0,868338	0,867938	0,864897	0,859964	0,854309	0,857867	0,862411	0,861488	0,861742	0,85953	0,858166
Santa Catarina	0,753899	0,750596	0,748027	0,750898	0,737563	0,743912	0,755776	0,763818	0,762346	0,755491	0,750014
Índice de Gini da distribuição do valor adicionado bruto a preços correntes da agropecuária (Índice)											
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	0,567414	0,567565	0,572941	0,57323	0,572141	0,584213	0,570659	0,556252	0,567414	0,573576	0,573724
Santa Catarina	0,38523	0,393402	0,393522	0,405247	0,396177	0,394008	0,390935	0,409257	0,402689	0,406601	0,416951
Índice de Gini da distribuição do valor adicionado bruto a preços correntes da indústria (Índice)											
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	0,914027	0,914887	0,912471	0,910147	0,910596	0,909829	0,909568	0,908538	0,907506	0,90828	0,903974
Santa Catarina	0,83369	0,82246	0,819371	0,81601	0,808143	0,806736	0,809337	0,803071	0,802116	0,797314	0,795474
Índice de Gini da distribuição do valor adicionado bruto a preços correntes dos serviços (Índice)											
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	0,878458	0,877105	0,874999	0,872796	0,870091	0,869687	0,871266	0,870069	0,871324	0,868748	0,867991
Santa Catarina	0,777237	0,779971	0,779451	0,784774	0,783279	0,785861	0,789805	0,792489	0,793332	0,790339	0,78361

Fonte: IBGE. Elaboração dos autores

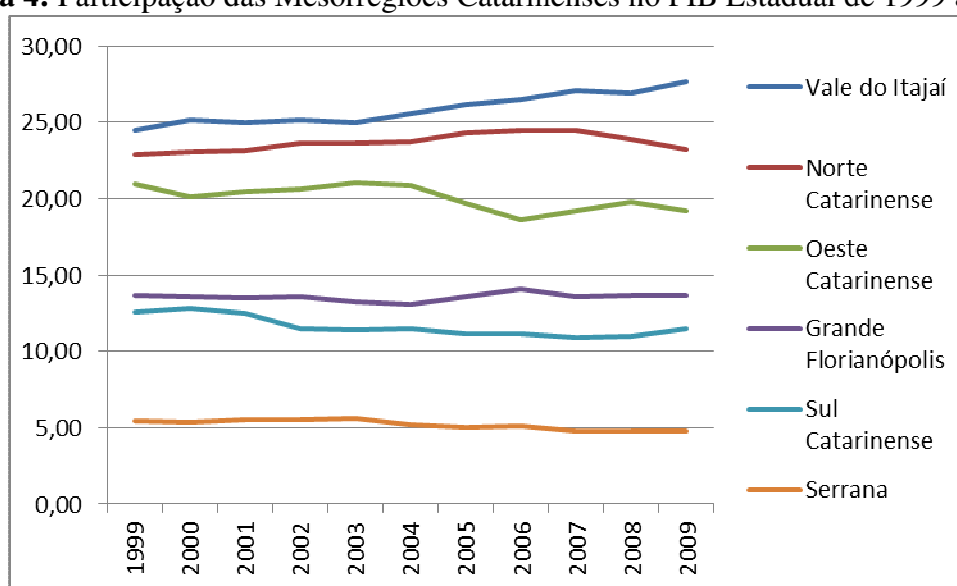
3 – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO PIB CATARINENSE POR MESSORREGIÕES E MICRORREGIÕES ENTRE 1999 E 2009

Os dados por mesorregiões apresentados pela figura 4 revelam que as regiões Vale do Itajaí, Norte e Oeste catarinense possuem as maiores participações no PIB do estado. No entanto, quando se observa a trajetória de crescimento do PIB dessas mesorregiões nota-se grande divergência entre elas. As duas primeiras tem crescido no período, situando-se, junto com a Grande Florianópolis, como as áreas mais dinâmicas do estado. Já a região Oeste apresenta um declínio consistente na participação do PIB estadual, caindo de 21% (1999) para 19% (2009). Da mesma forma, as mesorregiões Serrana e Sul tiveram participação reduzida no conjunto da economia catarinense.

O Vale Itajaí foi a região que respondeu pela maior parcela do PIB catarinense, atingindo 27,63% de participação em 2009. Além dos importantes parques fabris presentes em Blumenau e cercanias, o setor de serviços da região também ocupa posição destacada no cenário estadual, em particular na cidade de Itajaí, que se consolida como um dos mais importantes municípios do estado nesse segmento. Em

grande medida, isso se explica pelo de estar localizado nesta cidade o principal porto de estado, que é também um dos maiores do Brasil em movimentação de contêineres. Menciona-se, ainda, que o crescimento observado nessa mesorregião decorreu muito do desempenho vigoroso da microrregião de Itajaí, uma vez que a microrregião de Blumenau, como veremos mais a frente, apresentou significativo declínio na participação no PIB do estado.

Figura 4: Participação das Mesorregiões Catarinenses no PIB Estadual de 1999 a 2009.



Fonte: IBGE. Elaboração dos autores.

A mesorregião Norte, a segunda mais importante no PIB do estado, manteve sua participação ao redor de 23%. Esta participação expressiva está ancorada em diversos subsetores industrial, destacando-se as indústrias metal-mecânica, têxtil e moveleira.

Dentre as mesorregiões que aumentaram sua participação, a Grande Florianópolis foi a que mais ampliou sua participação no PIB do estado, ou seja, aumentou em 13,7% no período considerado. Esta região, além de abrigar a sede do Governo do estado e de outros órgãos públicos federais e estaduais, tem grande importância como centro de prestação de serviços. Ultimamente destaca-se, também, a indústria da construção devido ao processo de valorização imobiliária em todo o aglomerado urbano de Florianópolis, que comporta as cidades de São José, palhoça e Biguaçu. O setor industrial, embora conte com uma importante indústria de informática, tem um peso menor na economia dessa mesorregião.

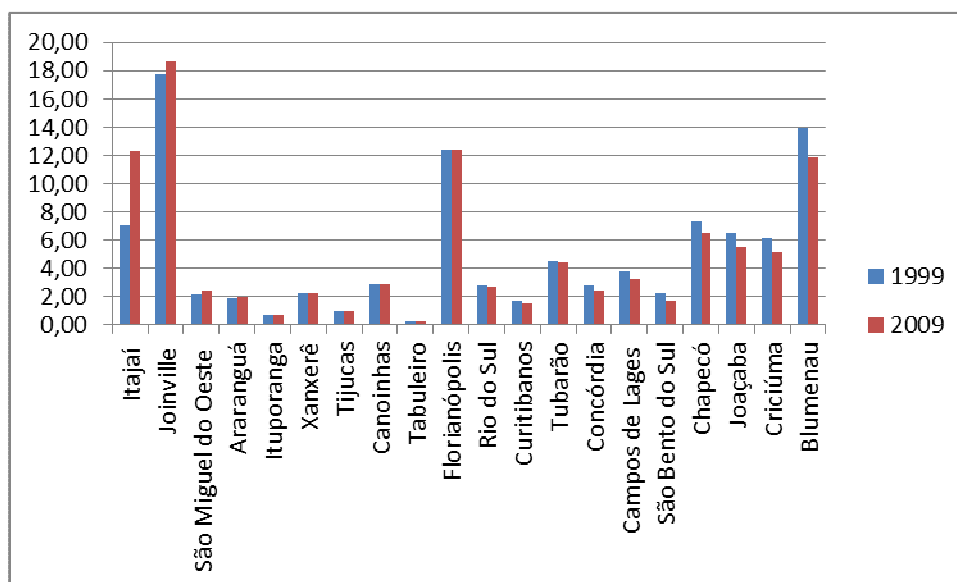
Por outro lado, as mesorregiões Sul, Serrana e Oeste apresentaram perda da participação no PIB catarinense. Assim, em 2009 essas três regiões juntas respondiam por 35% do valor total, enquanto em 1999 participavam com 39%. O Planalto Serrano é a mesorregião com a menor participação no PIB estadual. Após um leve aumento de participação entre 2000 e 2003, a mesorregião perdeu espaço e respondeu, em 2009, por apenas 4,8% do PIB de Santa Catarina. Segundo MATTEI e LINS (2010) a baixa expressão regional deve-se ao predomínio, na região, de grandes propriedades agropecuárias com baixa produtividade, bem como aos baixos índices de industrialização.

Como mencionamos anteriormente, a mesorregião Oeste ainda detém uma participação expressiva no PIB estadual. Nesta região se concentra grande parte da produção agropecuária catarinense, além de também estarem nela localizadas as grandes agroindústrias, como Sadia e Perdigoão. No entanto, a participação da região assumiu uma trajetória de baixa após 2003. Com isso, em 2009 a mesorregião contribuiu com 19,2% do PIB do estado, enquanto em 2003 esse percentual chegava a 21,0%.

Finalmente, a mesorregião Sul também apresenta trajetória de queda no PIB de Santa Catarina. Em 1999 o percentual de participação da mesorregião no agregado estadual era 12,6%, passando para 11,5% em 2009. Registre-se que no ano de 2008 esse percentual foi de apenas 10,9%. Após o declínio da indústria carbonífera, tradicional base da economia regional, no final dos anos oitenta, a indústria local parece estar num processo crescente de recuperação, mereceram destaque os segmentos de plástico, cerâmica, têxtil e vestuário. Mesmo assim, a produção agregada da mesorregião não mais atingiu o percentual das décadas anteriores.

A Figura 5 apresenta algumas informações gerais das microrregiões catarinenses. Destaca-se o rápido crescimento de Itajaí, que quase dobra sua participação no PIB do estado, ou seja, crescimento de 5,27% entre 1999 e 2009. Ao lado da microrregião de Itajaí, as microrregiões de Joinville (+0,90%) e São Miguel do Oeste (+0,28%) foram as que mais aumentaram sua participação. No extremo oposto, importantes microrregiões, estão entre as que tiveram perda de participação mais expressiva no período: Blumenau com -2,08%; Criciúma com -1,02%; Joaçaba com -1,01%; Chapecó com -0,79%; São Bento do Sul com -0,55% e Lages com -0,52.

Figura 5: Participação das Microrregiões Catarinenses no PIB Estadual de 1999 a 2009.



Fonte: IBGE. Elaboração dos autores.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o processo de globalização econômica obrigou um conjunto de empresas de setores líderes, sob o risco de perder espaço no cenário nacional e internacional, a uma completa reestruturação técnica e organizativa. Com isso, grupos centenários ainda administrados por familiares foram obrigados a se remodelar. Um dos caminhos que muitas empresas encontraram foi a formação de **joint ventures** ou a busca de novos sócios no mercado interno e externo, com o objetivo de manter as fatias de mercado já conquistadas e, se possível, expandir para novas áreas.

Talvez o melhor exemplo desse processo de reestruturação aconteceu no Sul do estado. Em menos de duas décadas, a economia da região passou por um profundo processo de mudanças. Até os anos oitenta, praticamente todas as atividades econômicas estavam relacionadas ao complexo carbonífero, que sofreu um desmonte na década seguinte. Em seu lugar e a partir de alguns subprodutos muito abundantes na região das minas introduziu-se o ramo de minerais não metálicos. Com isso, em menos de vinte anos a região se transformou em um dos principais pólo cerâmico do país.

Apesar disso, nota-se que o estado de Santa Catarina não está na rota dos grandes investimentos que foram realizados na região Sul do país nas últimas décadas. Um exemplo disso foi a instalação de várias fábricas de automóveis no RS e no PR. Mesmo assim, os dados indicam que o estado aumentou sua participação na formação do PIB nacional. Sem

dúvida, esse comportamento está relacionado ao tipo de empresas que estão instaladas no território catarinense e a própria estrutura econômica do estado (bastante diversificada e bem distribuída em pólos regionais, conforme vimos nas seções anteriores).

Com isso, diversos ramos industriais estão participando cada vez mais no cenário econômico nacional. É o caso dos setores de plásticos (tubos, conexões, embalagens e descartáveis); de carnes (aves e suínos); de cerâmicos (pisos e revestimentos cerâmicos); metal-mecânico (máquinas, motores elétricos, compressores para refrigeradores); têxtil (cama, mesa, banho, tecidos e malhas) e mobiliário (móveis e utensílios). Além disso, vários produtos agropecuários mantêm a liderança nacional ao longo das últimas décadas, como é o caso da maçã, cebola e alho.

Em síntese, o estudo mostrou que Santa Catarina aumentou sua participação no PIB nacional, passando de 3,5% para 4,0% no período considerado. No entanto, esse crescimento vem ocorrendo ao mesmo tempo em que se preserva a desigualdade entre regiões e municípios, atestada pelos dados do Índice de Gini calculados para o conjunto do estado. Este fato sugere que, apesar de SC apresentar uma economia bastante diversificada e regionalizada, esta continua concentrada em algumas regiões e em alguns setores de atividade econômica.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IBGE. **Contas Regionais do Brasil**. Rio de Janeiro, 2011.

IBGE. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Rio de Janeiro, 2011.

SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática. <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Fevereiro de 2012.

HOFFMAN, Rodolfo. **Estatística para Economistas**. São Paulo: Pioneira, 1980.

MATTEI, Lauro e LINS, Hoyêdo N. **Liberalização econômica e reestruturação produtiva: reflexos em Santa Catarina no limiar do novo século**. In: MATTEI, Lauro e LINS, Hoyêdo N. **A socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**. Chapecó: Argos, 2010.

MATTEI, Lauro. **Economia catarinense: crescimento com desigualdades regionais**. Florianópolis (SC): Anais do V Encontro de Economia Catarinense, 2011.